

O Véu que (Des) Cobre a Comunidade Árabe-Muçulmana de Florianópolis

Cláudia Voigt Espínola

A comunidade muçulmana de Florianópolis conta com pouco mais de sessenta famílias praticantes dentre os quais quase todos são imigrantes ou descendentes de Palestinos e Libaneses. Esses e outros dados vinculando a cidade e o Islamismo estão presentes na produção “O Véu que (Des) Cobre a Comunidade Árabe-Muçulmana de Florianópolis” de autoria de Cláudia Voigt Espínola. O texto em questão compõe o sexto capítulo da Tese de Doutorado da pesquisadora, defendida em 2005 na Pós-Graduação de Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

O título do artigo e o jogo de ambigüidades utilizados nele rapidamente evidenciam a premissa da autora. Em muitos contextos, o uso do véu caracteriza uma escolha religiosa, ele é o símbolo do Islã e, por essa razão é um elemento que carrega diversos significados. O mais disseminados deles é o desejo de preservar o corpo da mulher através do recato: ela deve cobrir-se para evitar olhares sobre si, o desejo dos homens e o pecado. Já no espaço de investigação de Espínola, a presença do véu sobre os corpos das mulheres não apenas tem a função de cobri-las: ele descobre a comunidade e suas escolhas étnicas, religiosas e políticas. Ele é o objeto através do qual a antropóloga penetra o pequeno grupo de muçulmanos de Florianópolis e procura compreender academicamente seus sistemas de valores, crenças e afetos.

A autora dedica parte do artigo a explicações sobre as mudanças que levaram a propagação do uso do véu entre as muçulmanas de Florianópolis, mas antes disso levanta alguns itens sobre o tema que merecem ser mencionados. O primeiro deles é a não-obrigatoriedade da prática do véu visto que este hábito existiu (ou não) e tomou variadas formas ao longo da história do Islamismo e nas mais variadas localidades onde foi exercido. Ele deveria, portanto, ser colocado na categoria de atos *sunna*: desejáveis, mas não obrigatórios, diferentemente das ações *wajib* que são obrigatórias, como os horários das cinco orações diárias.

Além disso, Espínola combate o argumento de que o véu é apenas uma ferramenta para afirmações reiteradas de machismo com dois recursos. Um deles diz

respeito ao comentário das próprias mulheres sobre o tema, elas acreditam que os países onde o véu é uma obrigatoriedade não são verdadeiramente muçulmanos:

“Todas as mulheres entrevistadas foram unânimes em afirmar que os países que reprimem as mulheres, obrigando-as entre outras coisas a cobrir-se inteiramente ou a usar o véu, não são países que seguem de fato o Alcorão. Ao estilo de muitas feministas do mundo árabe, adotam a posição de ressaltar os avanços que o Islã concedeu às mulheres na Península Arábica na época do Profeta, dando às mulheres direitos nunca antes atingidos: como direito à individualidade, educação e instrução, direito de contratar e de se divorciar.” (Espínola, 2005; p.102)

As transformações trazidas pelo Islamismo acerca do lugar social ocupado pela mulher na sociedade também se relaciona com o segundo recurso levantado pela autora. O véu não é uma ferramenta de opressão que marcaria uma oposição entre a plenitude de direitos sexuais e amorosos masculinos e a total negação feminina, ele só é portado fora de casa e quando diante de pessoas que não sejam familiares. No ambiente doméstico, as mulheres possuem todas as prerrogativas que os homens, devendo ser satisfeitas sob a ameaça de um possível divórcio iniciado pela esposa caso o marido não possa ter relações sexuais satisfatórias com ela.

No que concerne as alterações que levaram a presença expandida do véu em Florianópolis, a mais fundamental dela foram os acontecimentos do 11 de setembro de 2001, a repercussão midiática sobre eles e, por conseguinte, o comportamento mais atento e por vezes hostil direcionado aos muçulmanos da cidade. A partir deste momento, “as mulheres iniciaram de forma coletiva o uso do véu.” (*ibden*, p.104) sob a justificativa de ordem religiosa de que sempre desejaram fazê-lo como um ato de fé permanente. Ademais, o contexto político oferece outro elemento para compreender a mudança:

“(...) para as mulheres, os acontecimentos mundiais como o 11 de setembro, ou demais atentados terroristas em vários países, foram disseminando uma visão negativa tanto da religião islâmica quanto dos povos que a praticam. As expressões que associam diretamente o Islã e atos terroristas e suicidas são comuns na mídia. O uso do véu foi a forma encontrada para reafirmar uma etnicidade frente ao exterior (...) preconceituoso.” (*ibden*, p.106)

Essa transformação com um determinado marco temporal levanta outras questões sobre a presença do véu. Ele é usualmente utilizado para a mulher passar despercebida, contudo, em Florianópolis, pelo fato da comunidade ser bastante reduzida e haver pouco conhecimento sobre a religião Islâmica no Brasil, o seu uso provocava o efeito inverso; causava espanto e curiosidade e, por isso muitos olhares sobre aquelas que o portavam. Ou seja, como o efeito real era inverso ao desejado e grande parte das mulheres não usava o véu antes dos acontecimentos de 2001.

Essa ausência está bem demarcada desde as primeiras levadas migratórias para o país, o desejo dos muçulmanos era de encontrar semelhanças com os nativos, “(...) não queriam ser reconhecidos pela diferença e sim pelos elementos integradores” (*ibden*, p.103), guardando para os espaços privados os cultos e hábitos que poderiam ser considerados exóticos.

A ruptura com esta lógica é bastante recente e frisa o aspecto ideológico da escolha pelo Islã através do uso do véu. Ele não é apenas uma vestimenta, é uma escolha entre o mundo Ocidental e o Islã, uma decisão de optar por este ou aquele modo de vida e sistema de valores.

Irene Niskier